

# **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA UNIVERSIDADE E SEU REFLEXO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Ione Santos Souza Silva<sup>1</sup>

## **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é mostrar a importância da reestruturação dos métodos de avaliação no processo de ensino-aprendizagem na Universidade bem como, o seu reflexo na sociedade contemporânea. A pesquisa valeu-se de registros de alguns autores que versam sobre o tema em questão. Espera-se que o estudo possa contribuir para despertar na comunidade acadêmica um novo olhar em relação aos métodos avaliativos que são aplicados no âmbito da Universidade, buscando compreender e analisar de forma crítica as questões que permeiam as práticas avaliativas dentro da instituição de ensino em seus diferentes níveis, bem como, apontar possibilidades que, para além do uso da avaliação como instrumento de controle ou expressão de poder, concorram para efetivação de aprendizagens mais significativas em termos dos objetivos pretendidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Universidade. Avaliação. Docente. Ensino-aprendizagem

## **ABSTRACT**

The objective of this work is to show the importance of the restructuring of the evaluation methods in the teaching-learning process in the University as well as its repercussion in contemporary society. The research was based on records of some authors that deal with the subject in question. It is hoped that the study may contribute to awakening in the academic community a new look at the evaluation methods that are applied within the University, seeking to understand and analyze critically the issues that permeate the evaluation practices within the educational institution in its different levels, as well as pointing out possibilities that, beyond the

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Vernáculas com Inglês (UCSAL-BA-1986). Especialista em Docência do Ensino Superior (Faculdade Montenegro-BA-2007). Mestre em Ciências da Educação (Universidad Interamericana-Asunción-PY-2018). Servidora do Instituto Federal da Bahia-IFBA. E-mail: [ionesss@yahoo.com.br](mailto:ionesss@yahoo.com.br)

use of evaluation as an instrument of control or expression of power, contribute to the realization of more meaningful learning in terms of the intended objectives.

KEYWORDS: University. Evaluation. Teacher. Teaching-learning

## INTRODUÇÃO

O grande desafio na educação diz respeito à avaliação. É extremamente difícil mudar a avaliação uma vez que ela implica na mudança de postura do educador. É bom lembrar que a mudança de mentalidade está diretamente ligada à mudança da prática avaliativa. Todo professor deveria ter consciência de que a avaliação é um processo contínuo e que visa um diagnóstico.

Os métodos de avaliação aplicados pelos professores nas universidades é uma questão que tem causado muita polêmica no ambiente acadêmico. Acredita-se que os muitos questionamentos existentes em torno do assunto tem sido motivo de reflexão e discussão no referente à maneira de conduzir o processo avaliativo nessas instituições.

O presente trabalho surgiu da necessidade de mostrar a importância dos métodos de avaliação utilizados na Universidade, os benefícios que eles poderão trazer no âmbito da educação e também, esclarecer mesmo que de forma efêmera, as transformações que vêm ocorrendo com uma prática que ainda hoje não conseguiu avaliar o aluno de uma forma individual e adequada, a fim de saber (identificar) o “quantum” absorvido por ele, obtendo assim um resultado mais satisfatório.

Um conhecimento mais aprofundado por parte do educador no referente à realidade da sua área de atuação poderá contribuir para que ele seja dinâmico, criativo e inovador o que resultará em um sistema de avaliação mais justo e que inclua o aluno como um ser crítico e participante dos momentos de transformação da sociedade.

O objetivo, portanto, deste estudo é contribuir para que a comunidade acadêmica possa refletir sobre a forma como está sendo processada a avaliação na universidade e a recepção por parte dos alunos, buscando alternativas no sentido de minimizar o impasse que este assunto tem provocado no meio acadêmico.

### **Funções do processo avaliativo**

Para Hoffmann (2001), existem três modalidades básicas de avaliação: a diagnóstica, a formativa e a somativa. Para utilizá-las alguns aspectos devem ser levados em consideração, tais como: o período em que está sendo aplicada a avaliação, irá envolver os instrumentos que serão utilizados, os critérios empregados, a comunicação dos resultados e a sua função. O resultado desse processo indicará ao professor qual deve ser o seu ponto de partida, fornecendo-lhe subsídios para uma adequação no processo ensino-aprendizagem.

Ainda na visão de Hoffmann (2009) o docente do Ensino Médio e Superior revela-se muito mais insensível à discussão da prática tradicional do que o professor do Ensino Fundamental. Isto foi observado nos encontros e seminários quando manifestaram um descrédito quanto à possibilidade de a avaliação descaracterizar-se, do seu aspecto classificatório. A autora também observa que na investigação de sua prática avaliativa é, ao contrário de uma reflexão a respeito de determinados métodos burocráticos, o fortalecimento da prática tradicional de julgamento de resultados ao final dos períodos letivos, apesar de seu caráter comprovadamente autoritário. Ela argumenta que a visão de conhecimento ainda é imperativa nesses cursos e se manifesta de forma radical na prática avaliativa.

Para Zambelli (1997), a relação ensino-avaliação é vista sob duas perspectivas diferentes: a unidimensional, que utiliza o teste como instrumento avaliativo ao final do período (somente somativo) e a multidimensional, possui vários instrumentos de avaliação aplicados antes, durante e após o processo de ensino, ou seja: (avaliação diagnóstica, formativa e somativa). Na perspectiva unidimensional a avaliação exerce um tom de autoritarismo uma vez que prioriza a memorização pelo

fato de usar uma única forma de avaliação o que a caracteriza como apenas quantitativa do aprendizado.

Em contrapartida, o próprio autor destaca a perspectiva multidimensional como responsável por ampliar os domínios e níveis de conhecimento, já que utiliza vários instrumentos de avaliação que contribuem para a tomada de decisões com relação ao processo de ensino e aprendizagem.

Com relação à avaliação formativa, Perrenoud (2014), destaca:

A avaliação formativa assume todo o seu sentido no âmbito de uma estratégia pedagógica de luta contra o fracasso e as desigualdades, que está longe de ser sempre executada com coerência e continuidade. Devido a políticas indecisas, e também por outras razões, a avaliação formativa e a pedagogia diferenciada da qual participa chocam-se com vários obstáculos materiais e institucionais: o efetivo das turmas, a sobrecarga dos programas e a concepção dos meios de ensino e das didáticas, que quase não privilegiam a diferenciação. (...)enfim, a avaliação formativa confronta-se com a avaliação instalada, com a avaliação tradicional, às vezes chamada de normativa. Mesmo quando as questões tradicionais da avaliação tornam-se menos evidentes, a avaliação formativa não dispensa os professores da tarefa de dar notas ou de redigir apreciações, cuja função é informar os pais ou a administração escolar sobre as aquisições dos alunos, fundamentando a seguir decisões de seleção ou de orientação. A avaliação formativa, portanto, parece sempre uma tarefa suplementar, que obrigaria os professores a gerir um duplo sistema de avaliação, o que não é muito animador!

Os desafios profissionais ainda são muitos no sentido de entender a avaliação e a sua forma de aplicação em cada situação. Tradicionalmente, a avaliação foi entendida como a medida dos conhecimentos adquiridos pelos alunos no fim do processo de ensino e centrou-se exclusivamente nas qualificações. No entanto, este tipo de avaliação favorece a discriminação entre aprovados e reprovados.

A estes últimos atribui-se toda a responsabilidade do fracasso. As respostas que os estudiosos dessa área vêm encontrando para os desafios que se apresentam um grande volume de modelos de avaliação de currículo, ganha projeção na literatura especializada.

Muitos autores têm discutido sobre a questão da avaliação e ressaltam a importância dela para orientar tanto o aluno quanto o professor. Isto porque a avaliação propicia ao estudante revisar a sua atuação e ao professor, melhorar a sua metodologia. A avaliação é, portanto, o ponto de partida do diagnóstico do rendimento escolar e também do nível de conhecimento principalmente, no ensino superior.

Pensando de uma forma mais racional, comprometida e voltada para o futuro, Álvarez Méndez (2014), assegura que:

A prática ética na educação, e na avaliação de um modo mais acentuado, é uma obrigação de responsabilidade para com o aluno, pressupondo a própria responsabilidade da tomada de postura diante do fato de avaliar quem aprende. O professor deve descartar da avaliação os usos que não correspondem estritamente a atividades de formação, de desenvolvimento pessoal, de crescimento intelectual e humano, posto que esse é o contexto em que o formador e o sujeito em formação encontram-se e esse é o objetivo prioritário da educação.

Se muitos dos que hoje são professores não perdessem de vista a experiência vivida como alunos ontem e não esquecessem a inutilidade dos métodos tradicionais de avaliação, as muitas experiências negativas e os desgostos que aqueles momentos lhes causavam, se não esquecessem a inutilidade dos métodos e técnicas que tiveram de padecer e as muitas falhas que arrastavam, hoje estaríamos tratando de outras formas de conceber e falar da avaliação; sobretudo de outras formas de praticá-la e usá-la nas salas de aula.

Com relação ao papel da Universidade na avaliação dos alunos, Silva (2001), reforça a ideia de que a instituição deve assumir a responsabilidade quanto ao fracasso ou sucesso do aluno uma vez que no ensino superior, espera-se o domínio de conteúdo e de práticas profissionais necessárias a quem pretende ingressar no mercado de trabalho.

Ainda no tocante ao ensino universitário, Camargo (1997) enfatiza que certos tipos de avaliação provocam indignação nos alunos e muitas vezes os leva a uma submissão da qual discordam. Observa-se que muitas manifestações de desaprovação são realizadas quanto às formas de avaliação que seguem o modelo tradicional gerando descontentamento e insatisfação por parte dos estudantes.

## **A avaliação da aprendizagem na Universidade**

O tema da avaliação representa uma área crítica no Ensino Superior, uma vez que, pesquisas recentes apontam as dificuldades e os impasses vividos por professores universitários ao avaliar os seus alunos. A avaliação tem assumido aspectos contraditórios e incoerentes com o seu papel, quando exerce funções que ao invés de manter o aluno na universidade, promove o seu afastamento dela.

A avaliação ao longo do processo histórico, passou por várias mudanças. No entanto, sabe-se que por volta do século XVIII, ela passa a ser estruturada, pois o que se tinha até então, era uma forma de seleção e medição dos indivíduos para almejar algum cargo no setor público.

Nesse enfoque, Freitas (2002, p.19), relata:

Para mais eficaz e objetivamente dar conta dessas novas funções que lhe foram outorgadas, avaliação teve que se desenvolver tecnicamente, criando os testes escritos e o sistema de notação. Aí está uma primeira característica que colou na avaliação e com o tempo também parece pertencer à sua essência: Os testes escritos com fins de medida. Como se sabe, as universidades medievais praticavam apenas exercícios orais; como proposta pedagógica. Os testes escritos são uma criação da escola moderna. Sua forma escrita se liga à ideia de credibilidade pública, transparência e rigor. Ganharam tanta importância que acabaram até mesmo interferindo fortemente na definição dos currículos e das propostas pedagógicas.

Observa-se que a forma de avaliar das universidades medievais não possuía caráter classificatório como ocorre hoje na modernidade. A prática desenvolvida pelos professores dessa época suplantava as barreiras da objetividade, posto que o processo de aprendizagem se dava através de exercícios orais e não de provas escritas que minimizavam a forma de conhecimento adquirida pelo aluno.

Para uma compreensão do papel exercido pela avaliação no processo de ensino, é necessário perceber os princípios que embasam os julgamentos feitos pelos professores ao avaliarem os seus alunos. Segundo Sacristán (1988, p.394), é preciso atentar para a ideologia do controle que pode estar presente no avaliar o

aluno, o que pode acarretar a consideração de qualquer comportamento “adequado” ou “inadequado” em sala de aula como passível de valoração, atitude que traz em seu bojo a crença de que só é processo educativo o que é avaliado.

De acordo com o autor é necessário buscar uma renovação do campo da avaliação que supere o velho conceito e as práticas arraigadas de avaliação como constatação/verificação de um certo nível de aprendizagem do aluno.

A avaliação educativa é uma forma específica de conhecer a realidade e de se relacionar com ela para tentar favorecer mudanças de otimização. Em outras palavras, trata-se de um processo de reflexão sistemático, orientado fundamentalmente para a melhoria da qualidade das ações educativas.

Avaliar é diagnosticar visando à superação de falhas durante o processo e a melhoria contínua das suas atividades possibilitando verificar se a instituição está ou não atingindo os objetivos propostos para a formação de profissionais. A avaliação deve ocorrer durante todo o período letivo e ser uma exigência pedagógica com propósito formativo e não apenas como um momento isolado e delimitado por um espaço temporal burocraticamente estabelecido.

Na visão de Almeida (1997), o homem ao avaliar, emite dois tipos de juízo: juízo da realidade e juízo de valor. O da realidade, por meio da avaliação, o ser humano atribui significado à realidade, ou seja: como ele a percebe. O juízo de valor possibilita avaliar e emitir um juízo sobre o significado daquilo que ele observa.

Nessa perspectiva, Buriasco (2000), destaca que a emissão de um juízo sobre algo, implica na utilização de padrões estabelecidos, cujos fios condutores direcionam uma avaliação, fazendo com que ela não se afaste de seus grandes eixos que são: o “teórico metodológico”, o “ético” e o “político”.

Uma observação por parte de Bzuneck (2001), ressalta a importância do feedback para o processo de ensino-aprendizagem uma vez que a maneira e a forma de avaliação constituem peças importantes na motivação do aluno. É enfatizado também que o feedback que o professor fornece deveria possibilitar ao

estudante reconhecer os erros não como fracasso, mas como algo que pode ser trabalhado e melhorado, favorecendo assim o seu crescimento pessoal e social. Ou seja, este tipo de avaliação, propiciaria ao aluno adquirir sua própria concepção do mundo, por intermédio da consciência do que foi aprendido.

Verifica-se que o conhecimento do aluno é medido pelo professor através da avaliação, que passa a ser para o aluno, a única alternativa para obtenção da aprovação. Nesse sentido, a avaliação interfere na aprendizagem uma vez que o aluno estuda apenas os conteúdos que são cobrados não se aprofundando em outros assuntos. Ainda na ótica de Buriasco (2000), os alunos dedicam-se a decorar conteúdos para conseguirem boas notas. O que resulta em uma memorização temporária, pois logo esquecem o que foi aprendido.

A avaliação tem se constituído em um grande desafio no processo ensino-aprendizagem, haja vista, a importância dada a ela, ou seja, tudo gira em torno dela. Como resultado, a avaliação se tornou uma prática educacional poderosa. Trabalhar com avaliação é importante quando se entende que ela é vinculada a uma prática educacional necessária para que se saiba como se está, enquanto aluno, professor e o conjunto da instituição de ensino.

São muitos os conceitos em torno de avaliação centrando o seu resultado para uma avaliação tecnológica, ou seja, associando-a ao uso de tecnologias educativas baseada nos resultados. O processo de avaliação é complexo e acompanhado de uma série de informações relevantes e significativas para o seu desenvolvimento e aplicação.

De acordo com Andrés (1997) os dois grandes propósitos que justificam a avaliação são: a melhoria da qualidade do ensino e o desenvolvimento profissional do docente. Entende-se que os dois propósitos estão intimamente ligados, e a sua consecução na prática consegue-se a partir da ativação conjunta de uma plataforma firmada em um triângulo cujos vértices são a avaliação, a formação e o desenvolvimento profissional.



Segundo Luckesi (1996) a avaliação com função classificatória não auxilia em nada o avanço e o crescimento do aluno e do professor, pois se constitui em um instrumento estático e frenador de todo o processo educativo. O autor também ressalta que a avaliação tem função diagnóstica ao contrário de classificatória, e constitui-se em um momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação e do crescimento da autonomia. Percebe-se, pois, que a avaliação tem sido utilizada de forma equivocada pelos professores, quando julgam o aluno com base no seu desempenho.

Alonso (1996, p.181-188) destaca que quando se fala em avaliação, trata-se de um processo extremamente complexo, seja no âmbito de nossas vidas privadas seja no âmbito profissional. A complexidade do tema é maior quando se trata dos processos de ensino-aprendizagem. “Afim, a partir de que critérios poderiam avaliar se um conhecimento é válido, ou ainda, se é importante, ou se alguém se apropriou de um determinado conceito qualitativamente?”. É preciso, portanto, ter consciência das dificuldades e desafios que o assunto apresenta, devido a sua complexidade e operacionalização.

Para Alvarez Méndez (2014), “a solução para uma avaliação educacional está no seu uso formativo, ou seja, o aluno não aprende somente quando estuda ou quando o professor explica. Também deve aprender quando é avaliado e o faz olhando mais para as possibilidades de futuro do que comprovando resultados passados”.

A avaliação formativa implica em determinar, em primeiro lugar, se a execução do planejamento educacional está se processando conforme os objetivos propostos. Ela permite, portanto, determinar se há um rendimento satisfatório produzido pelo programa.

Essa avaliação realimenta o processo, dando subsídios à aprendizagem do aluno, dado o seu caráter de acompanhamento contínuo, que pode resultar em informações ao professor, permitindo que ele mantenha e altere o planejamento desenvolvido em caso de ineficiência comprovada.

O Brasil atravessa um momento de reconstrução do cotidiano escolar e a avaliação ocupa um papel preponderante nessa redefinição, devido à sua relação com o fracasso escolar e à percepção das implicações da avaliação na formação profissional. Urge, portanto, procurar propostas alternativas que avaliem o desempenho do aluno e que sejam capazes de responder às exigências e especificidades dos processos de formação que se desenvolvem na universidade.

Para Estébam (1999), essas alternativas oscilam entre três aspectos:

- 1) Retornar ao padrão rigoroso definido pela avaliação quantitativa: isto para a autora está sendo assumido pelas propostas vindas do MEC, SAEB, ENEM, “Provão”, complementadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.
- 2) Consolidar um modelo híbrido: essas propostas afirmam uma ruptura com a avaliação quantitativa, afirmam que os sujeitos escolares são históricos e sociais, destacam a aprendizagem como processo e a necessidade de que o tempo escolar considere os tempos e ritmos individuais.
- 3) Construir uma avaliação democrática, imersa em uma pedagogia da inclusão: esta percepção implica em uma mudança radical na lógica que conduz as práticas de avaliação, pois pressupõe substituir a lógica da exclusão pela inclusão.

Com isto, uma compreensão de avaliação que pode responder às necessidades de uma universidade que vise a construção da cidadania aliada à formação pessoal e profissional do indivíduo deve estar calcada em uma visão progressista e crítica de educação. Torna-se necessário pois, redirecionar o ato pedagógico enquanto influência mútua entre desiguais, onde cada um tem o seu papel específico.

A universidade tem um papel fundamental tanto na vida de quem faz parte dela internamente (direção, colegiado, alunos, funcionários, corpo técnico, etc.), quanto à sociedade que está em seu entorno, uma vez que ela constitui parte essencial da construção da consciência tanto individual quanto coletiva.

Chaves (2001) aponta algumas possibilidades que podem ser relacionadas como norteadoras para a discussão sobre a avaliação da

aprendizagem na educação superior, que podem cooperar para fomentar o debate, oferecendo dados para que os professores universitários discutam e criem alternativas a partir do seu próprio contexto, uma vez que a mudança das práticas avaliativas não se dá de fora para dentro, mas, a partir dos interesses e necessidades de seus atores:

- Olhar com mais atenção para os processos e não só para os resultados;
- Permitir aos atores a oportunidade de se expressarem e de se avaliarem;
- Usar diversos meios e instrumentos para avaliar a aprendizagem;
- Intervir, em favor da superação das dificuldades detectadas no referente a avaliação;
- Conformar a avaliação a serviço da aprendizagem, como estímulo aos avaliados e não como ameaça;
- Contextualizar e integrar a avaliação ao processo ensino- aprendizagem
- Determinar as regras do jogo avaliativo desde o início do processo
- Difundir as informações e trabalhar os resultados, visando retroalimentar o processo
- Realizar meta – avaliação, paralela aos processos de avaliação propriamente ditos
- Respeitar as diferenças e as dificuldades manifestadas em sala de aula.

Essas ações só terão valor se estiverem engajadas em um projeto de formação profissional e de acordo com os objetivos educacionais esperados. Nesse aspecto, Libâneo (2003, p.9), chama a atenção para a importância da organização e gestão da instituição educativa em relação ao trabalho do professor. Ele argumenta que tudo que ocorre na sala de aula deve estar em conformidade com o que acontece no âmbito das decisões em torno do projeto pedagógico, dos objetivos de ensino, do currículo, das formas convencionadas de relações professor-aluno e procedimentos de ensino.

### **Considerações finais**

A avaliação deve ser encarada como um instrumento para redimensionamento da prática. Quando se faz um diagnóstico das dificuldades e os avanços dos alunos, pode-se melhorar a prática pedagógica. É necessário reconhecer que além de avaliar em diferentes momentos, com diferentes finalidades, a avaliação se processa para identificar os conhecimentos prévios dos alunos e trabalhar a partir deles.

A avaliação no ensino superior passa por caminhos semelhantes ao da educação básica e que a partir das concepções de ensino, de aprendizagem, de prática pedagógica, o docente conceberá sua avaliação por meio de diversos formatos avaliativos.

Têm-se falado muito em avaliação emancipatória, avaliação diagnóstica, avaliação contínua, avaliação formativa, avaliação mediadora, em contraposição aos modelos clássicos de avaliação. Embora estas concepções sejam vistas como alternativas pelos educadores críticos, o que se constata é que, na prática, os preceitos preconizados por essas propostas pouco se efetivam. (CHAVES, 2001, p. 154)

É preciso observar a necessidade de se caracterizar os tipos de avaliações utilizados pelos docentes na universidade. Verificar como a avaliação dos diferentes conteúdos e disciplinas vem sendo aplicada visando à formação de um aluno com um bom conhecimento técnico e uma visão crítica de um estudante com nível universitário.

Independente das diversas visões sobre a avaliação e considerando que o seu foco tem sido voltado para as implicações causadas no aluno, torna-se necessário refletir sobre as contradições, as incoerências e a falta de entendimento que ainda persistem no campo da avaliação da aprendizagem para que se possa ampliar o conhecimento sobre estas questões.

Os métodos de avaliação na Universidade, sem dúvida, assumem um papel bastante relevante quando se entende que o estudante universitário deve ser

preparado para ser um profissional competente e capaz de resolver problemas nas diversas áreas de conhecimento.

Refletir, portanto, sobre o ato de avaliar é uma oportunidade de mudança de postura diante de uma prática avaliativa que procura medir o conhecimento dos alunos. Deste modo, entender essa etapa da educação como possibilidade de melhorar a didática na sala de aula é essencial para transformar o cenário de uma avaliação que visa tão somente aprovar ou reprovar.

Por fim, espera-se que este estudo possa contribuir para o docente universitário refletir sobre as falhas existentes no processo avaliativo e sobre o que os estudantes têm pensado a respeito dos métodos até então aplicados, visando melhorias no âmbito do processo de ensino aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Maria Freire da Palma Marques de. **A avaliação da aprendizagem e seus desdobramentos**. Revista de Avaliação Institucional da Educação Superior, v.2, n.2 , 1997.

ALONSO, Kátia Morosov; PRETTI, Oreste. **A Licenciatura em Educação Básica: indicadores para uma avaliação**, In PRETTI, Oreste (Org). Educação a Distância: início e indício de um percurso, Cuiabá, EDUFMT/nead, 1996, p. 181-188.

ANDRÉS, Joan Mateo. **Uma nova cultura avaliativa para melhoria da educação**. Manual da Educação. Grupo Oceano, Espanha: 1997.

ÀLVAREZ MÉNDEZ, Juan Manuel. **Como assegurar o progresso contínuo e sustentável de quem aprende**. Revista Pátio Ensino Médio, Profissional e Tecnológico. n 23. Ano VI. Dez 2014/Fev 2015. Porto Alegre – RS.

BURIASCO, Regina Luzia Corio de. **Algumas considerações sobre avaliação educacional**. Avaliação Educacional. 155-178, 2000.

BZUNECK, José Aloyseo. **O esforço nas aprendizagens escolares**: mais do que um problema motivacional do aluno. Revista Educação e Ensino – USF, 6, 2001.

CAMARGO, Alzira Leite Carvalhais. **O discurso sobre a avaliação escolar do ponto de vista do aluno**. Revista da Faculdade de Educação do Rio de Janeiro, 23 (1-2). Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br>.

CHAVES, Sandramara Matias. **A avaliação da aprendizagem no ensino superior**. In: MOROSINI, Marília Costa. (Org). Professor do Ensino Superior: identidade, docência e formação. Brasília: Editora Porto, 2001, p. 149-163.

FREITAS, Luís Carlos de. (Org) **Avaliação: construindo o campo e a crítica**. Florianópolis: Insular, 2002.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: Mito e Desafio: uma perspectiva construtivista**. 30ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

\_\_\_\_\_. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 29ª Ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

\_\_\_\_\_. **Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. 10ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LIBÂNIO, J. C. **O ensino de graduação na universidade: a aula universitária**. Goiânia: UCG, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliar a serviço da seleção ou da Aprendizagem?** Revista Pátio Ensino Médio, Profissional e Tecnológico. n 23. Ano VI. Dez 2014/Fev 2015. Porto Alegre – RS.

SACRISTÁN, José Gimeno. **El curriculum: una reflexión sobre la práctica**. Madrid: Morata, 1988.

SILVA, Z. B. **O processo avaliativo na aprendizagem baseada em problemas: um estudo com alunos de Medicina**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade São Francisco, Bragança Paulista, 2001.

ZAMBELLI, P.C. **Avaliação: Um permanente desafio**. Tecnologia Educacional, v. 25, p.57-60, 1997.